

Carnavalização e liminaridade: o bufão como ente-liminal

Priscila Genara Padilha [1]

Na Idade Média e no início do Renascimento a concepção de mundo é determinada por uma percepção carnavalesca da vida. A vida, neste período, deveria ser vivida de uma forma festiva e cômica. O riso medieval é, neste sentido, bastante peculiar e, dentro desta cultura, tem um papel fundamental. Nela não se ri sozinho, ri-se “com todos” e “de todos”. Segundo Mikhail Bakhtin:

...todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam do carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 1987, p. 10)

Um dado importante a se ressaltar é o fato de que as manifestações carnavalescas da Idade Média eram fundamentalmente vividas, não meramente assistidas por um público. Por isso o carnaval deste período não é compreendido como um espetáculo, mas antes como uma manifestação. Essa manifestação acontecia fora da instância da vida ordinária, em um espaço onde era criado um segundo mundo regido pela lei da liberdade, um mundo entre a vida e a arte.

Turner cunha o conceito de liminaridade para identificar processos ou pessoas que não estariam dentro das normas morais de uma dada comunidade cultural, mas no liminar desta cultura. Acharmos, portanto, pertinente cotejá-lo com as manifestações carnavalescas tratando-as como manifestações liminares, no momento em que estão entre a vida e a arte, gerando um segundo mundo, um mundo liminar. Segundo Turner:

Os atributos da liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam nem aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (TURNER, 1974, p.117).

As manifestações carnavalescas eram cômicas e tinham caráter popular. Sendo assim, opunham-se à cultura oficial no medievo, de caráter sério e religioso. Dentro destas, encontram-se três categorias de manifestações liminares, que são regidas pela estética do realismo grotesco e que criam um ambiente propício à consolidação da figura do bufão como ente liminal. São eles, a saber: ritos e espetáculos; obras cômicas verbais; vocabulário grotesco e familiar.

Os ritos e espetáculos estão subsumidos ao que chamamos de manifestações populares carnavalescas, que, como vimos, eram cômicas e populares, ocupando um lugar deveras importante na vida das pessoas durante a Idade Média e parte do Renascimento. Encontramo-las na praça pública, na igreja e nos castelos. Temos a Festa dos loucos e a Festa do asno, que eram promovidas pela igreja e possuíam um grande caráter cômico. Também existiam o Riso Pascal, os Mistérios e Soties. Em verdade quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular.

O cômico também acompanhava os ritos e festividades cívicas. Os bufões estavam sempre presentes, parodiando e ridicularizando os atos das cerimônias. Nenhuma festa se realizava sem o elemento cômico. Em relação às cerimônias sérias esses ritos apresentavam uma diferença de princípio com os cultos oficiais. Elas ofereciam uma diferente visão de mundo e das relações humanas, sob outra ótica, uma ótica não-oficial, exterior à igreja e ao estado. Era construído um segundo mundo, uma segunda vida. Em verdade esses ritos eram promotores de um estado liminar, e a comicidade era o modo operatório da liminaridade, onde valores morais eram suspensos e relativizados.

...o núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval, não é de maneira alguma a forma puramente artística do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa na fronteira entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação (BAKHTIN, 1987, p.6).

O que era construído nessas manifestações era uma *communitas*, uma espécie de relação social diferenciada. Turner afirma que em ritos liminares assistimos:

... a um momento situado dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura social profana, que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento...de um vínculo social generalizado que deixou de existir, e, contudo, simultaneamente tem de ser fragmentado em uma multiplicidade de laços estruturais (TURNER, 1974, p.118).

Bakhtin afirma que na Idade Média, os ritos cômicos populares situavam-se entre a arte e a vida, num verdadeiro estado liminar, era a vida recriada na manifestação que não era nem puramente artística, nem somente social. O carnaval não era um espetáculo a ser visto, mas uma das formas da vida que deveria ser vivenciada. Tratava-se, sobretudo, da fuga dos cânones e moldes da vida oficial. Possuíam um caráter extremamente humanista, pois não havia distinção hierárquica de nenhuma espécie. No carnaval todos eram iguais.

O carnaval era uma segunda vida, baseada no riso e na festa. Tinha a propriedade de suspender a vida cotidiana, e gerar o seu avesso. Nas festividades carnavalescas, as pessoas burlavam a vida oficial, com suas hierarquias, tabus, valores políticos ou morais. A comunicação era de outra ordem, fora das normas de etiqueta, fora dos cânones morais, era trazido à tona um vocabulário peculiar, familiar e grotesco. Tratava-se de uma lógica ao avesso, que relativizava os valores morais e as regras de conduta. Era uma verdadeira paródia da vida. Entretanto, não se tratava de uma negação da vida cotidiana gratuita, essa negação cumpria o papel de renovar o mundo através do riso, de recriá-lo em forma festiva. Para Turner os eventos liminares cumprem a função de fazer a manutenção da estrutura social, de renová-la. Conforme escreve Bakhtin:

A abolição das relações hierárquicas possuía uma significação muito especial. Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, cada personagem apresentava-se com as insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível. Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, ao contrário do carnaval, em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar (BAKHTIN, 1987, p.9).

Na Idade Média a igreja e o estado, ou seja, as instituições de poder, não conseguiam criar em suas festividades um ambiente propício à renovação da vida ordinária. Seu tom sério, apenas reitera os cânones morais, o regime em vigor, as normas de boa conduta. As festividades sérias consagravam a ordem estabelecida, com suas hierarquias, tabus e valores. Já o carnaval possuía um caráter extremamente renovador. Seu caráter liminar propiciava a criação de um novo mundo, que possibilitava às pessoas sua própria reinvenção. Trata-se da recriação do sujeito em relação à vida e suas implicações morais. Os valores morais eram suspensos para que a vida se refizesse através da festa, do riso e da alegria. Dado à força destas festividades o estado tolerava-as, absorvia-lhes e concedia-lhes lugar legalizado na praça pública.

Sob o regime feudal existente na Idade Média, esse caráter de festa, isto é, a relação da festa com os fins superiores da existência humana, a ressurreição e a renovação, só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, o qual penetrava temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância (BAKHTIN, 1987, p.8).

Nas festividades sérias as hierarquias eram consagradas, a desigualdade era sublinhada. Enquanto que no carnaval todos eram iguais, não havia diferença entre as pessoas no que diz respeito a status social, profissão, casta, idade, etc. Nas manifestações carnavalescas as pessoas eram iguais frente à lei da liberdade, não havia punições, não havia moralidade, não havia poder. É um verdadeiro destronamento simbólico de tudo aquilo que ditava regras, normas e leis. E tratava-se sempre de um princípio positivo: degradar para renovar.

Como exemplos de obra cômica verbal, outra categoria de manifestação liminar carnavalesca, têm a literatura latina paródica que estava bem difundida na Idade Média. Havia uma grande quantidade de manuscritos nos quais a ideologia da igreja e seus ritos eram descritos do ponto de vista cômico. Exemplo deste fato é a Ceia de Ciprião, onde se transformou a sagrada escritura, dando-lhe um tom carnavalesco. *Virgilius maro grammaticus* é um tratado semi-paródico da gramática latina. Existiam ainda paródias sacras das leituras evangélicas, dos salmos e de orações, como o Pai nosso e a Ave Maria. A intenção era renovar essas escrituras, era fazer uma reinvenção pelo cômico.

O vocabulário popular e público é a terceira forma de expressão da carnavalização na Idade Média e Renascimento. Trata-se de um contato verbal familiar, sem restrições, por vezes grosseiro, entre sujeitos que nenhuma distância separa mais. Pois estão situados em um mundo liminar. Essa linguagem caracterizava-se pelo uso frequente de grosserias, expressões injuriosas, blasfêmias dirigidas às divindades. Entretanto, é

valido ressaltar o caráter ambivalente dessas blasfêmias, ao mesmo tempo em que degradavam, regeneravam, renovavam. Conforme Bakhtin:

Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência. Isso produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica... (BAKHTIN, 1987, p.9).

Bakhtin fala na criação de uma linguagem carnavalesca. Em verdade, eram usadas expressões banidas do cotidiano pelas normas de boa conduta. Os rebaixamentos do vocabulário grotesco sempre fizeram alusão ao baixo corporal, à zona dos órgãos genitais. Na Idade Média quando alguém era “mandado às partes” genitais, ele estaria sendo destruído para novamente ser gerado, tinha um sentido ambivalente e puramente topográfico, que acabou se perdendo nos tempos modernos. Hoje essas expressões são expressões agressivas e gratuitas, conhecidas como meros xingamentos.

O bufão como ente liminal

O bufão é uma figura característica da Idade Média e início do renascimento. Eram personificações de *communitas*, pois eram entes liminares que viviam em bandos entre a vida cotidiana e as manifestações carnavalescas, sempre na intersecção, cumprindo o papel de, pelo riso, fazerem a renovação da vida. Degradavam, parodiavam, blasfemavam e viviam conforme a lei da liberdade, a mesma que se instaurava em período de carnaval. Era-lhes atribuído um papel mágico-místico. Como afirma Turner: “Os membros de grupos étnicos e culturais desprezados ou proscritos desempenham importantes papéis nos mitos e nos contos populares, como representantes ou expressões de valores humanos universais (TURNER, 1974, p.135).

Não se tratava de personagens que se vestiam como artistas para fazer números. Era uma postura de vida, pessoas com grande veia cômica que assumiam este estado e continuavam a ser bufões em todas as instâncias da vida cotidiana. Em verdade, situavam-se entre a vida e a manifestação, no liminar entre estas duas instâncias. Bakhtin nos diz que:

Os bufões e bobos são personagens características da cultura cômica da Idade Média. De certo modo, os veículos permanentes e consagrados do princípio carnavalesco na vida cotidiana (aquela que se desenrolava fora do carnaval). Os bufões e bobos... não eram atores que desempenhavam seu papel no palco...Situavam-se entre a vida e a arte (numa esfera intermediária), nem personagens excêntricos ou estúpidos nem atores cômicos (BAKHTIN, 1987, p.7).

O bufão traz em si todas as características do Realismo Grotesco: o exagero, a hipérbole, a profusão, a escatologia. Seu corpo era regido pelos Atos do Drama Corporal: comer, beber, cagar, copular, parir, amamentar, mutilações, etc. Em verdade, o corpo do bufão era um corpo liminal por excelência, porque era um corpo híbrido. Segundo Caballero, Bakhtin cunha o conceito de ‘corpo híbrido’ para:

... nomear a galeria de imagens de seres extraordinários (metade-homens, metade-bestas), gigantes, anões, pigmeus, “fantasias anatômicas” que povoavam a literatura, e que em sua opinião influenciaram a concepção grotesca do corpo no medievo[2](CABALLERO, 2007, p.50).

A linguagem do bufão, sua comunicação com o público era a paródia, o deboche, a injúria, a crueldade, a loucura, a desmedida, o escárnio, a sátira, a escatologia, a ironia, o simulacro. Através do jogo cômico fazia suas provocações sobre um mundo cujos valores considerava equivocados. A denúncia era perspicaz por sua estratégia. Conquistava o público pelo riso e pelo seu valor místico, quando percebia que o tinha “ganho”, “puxava seu tapete” fazendo sua crítica.

No bufão, a denúncia era autorizada, pois havia nele certa loucura sábia, ele tinha permissão para observar o mundo com um olhar diferente, não pautado pelo ponto de vista normal, por juízos comuns à sociedade. A loucura no bufão era uma paródia do espírito oficial, convencional. Gluckman citado por Turner diz que “O bobo da corte operava como árbitro privilegiado dos costumes, dada a permissão que tinha de zombar de reis e cortesãos, ou do senhor do solar”. Diz ainda que eles eram:

... comumente homens da classe baixa... que claramente saiam do seu estado habitual... Em um sistema onde era difícil para os outros censurar o chefe de uma unidade política, podíamos ter aqui um trocista institucionalizado, atuando no ponto mais alto da unidade... um galhofeiro capaz de expressar os sentimentos da moralidade ofendida (GLUCKMAN apud TURNER, 1974, p.134).

A figura do bufão, tão cara às manifestações liminares carnavalescas é, de fato, um ente liminal, pois se situava entre a vida e a arte. Degradando, parodiando, troçando, questionava os valores morais da sociedade. Além de renovar a vida, fazia a manutenção da própria estrutura social pelo riso e pela festa. Podemos até dizer que ele era gerador de uma *communitas* ou como diz Turner ele “... simboliza os valores morais da *communitas*”.

Referências

BURNIER, Luís Otávio. A arte do ator: da técnica à representação. Campinas: editora da Unicamp, 2001.

BAKHTIN, Michail. A cultura popular na Idade Média e Renascimento: o contexto de Rabelais. São Paulo: UCITEC, 1987.

CABALLERO, Lleana D. Articulaciones liminares/metáforas teóricas, in O teatro no cruzamento de culturas. São Paulo: perspectiva, 2008.

TURNER. Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

Notas

[1] Priscila Padilha é formada em Interpretação e Direção Teatral pela UFSM. Atualmente é mestranda do PPGAC da UFRGS onde está desenvolvendo o projeto “Fragmentos beckettianos na cena clownesca”, que trata da construção de um espetáculo solo de clown, com textos de Beckett, e suas implicações.

[2] “... nombrar La galeria de imágenes de seres humanos extraordinários (mitad-hombres, mitad-bestias), gigantes, enanos, pigmeos, ‘fantasías anatómicas’ que poblaban La literatura, y que em su opinión influenciaron La concepción grotesca Del cuerpo em medioevo”. (tradução nossa)